



**Escoteiros do Brasil**  
Paraná



Olympio Rodrigues de Araújo  
([minasescotismo.com.br/personalidades/](http://minasescotismo.com.br/personalidades/))

# **A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOTEIROS— POLÊMICA**

JOÃO ALBERTO BORDIGNON

*BOLETIM HISTÓRICO Nº 66 - JULHO DE 2025*

## **PRINCIPAIS ASSUNTOS ABORDADOS**

Página

3 – Introdução

7 – Os novos bandeirantes

11 – Março de 1915 – Bandeirantes Mineiros

13 – A Polêmica

14 – A Polêmica continua

20 – A Conciliação

22 – ANEXO 1 – Uso do “s” ou “z”

24 – ANEXO 2 - Fundação dos Bandeirantes  
Mineiros

## INTRODUÇÃO

Os anteriores Boletins, de números 60, 62, 63, 64 e 65, relataram os principais acontecimentos que levaram à fundação da Associação Brasileira de Escoteiros – ABE e seus primeiros passos.

Este Boletim trata da polêmica ocorrida quando a ABE entrou numa discussão sobre a escolha da palavra “Escoteiro” para a tradução de “Boy-Scout”.

A opção por “Escoteiro” não foi uma invenção da ABE, mas copiada da Associação de Escoteiros de Portugal, que havia sido fundada em setembro de 1913.

Em Portugal, o nome Escoteiro como tradução de “Boy Scout”, foi escolhido depois de uma campanha promovida pelo jornal “O Século”, em 1912. Uma coluna, um tanto irônica, é publicada no

jornal “Correio da Manhã”, do Rio de Janeiro, de 21 de julho de 1913, escrita por Manoel de Souza Pinto, de Lisboa. Relata que depois da campanha de divulgação de um mês, o jornal deu-se conta que não havia uma tradução, para o português, do termo inglês. Faz uma consideração de que o termo inglês “scout” pode ser uma adulteração da palavra portuguesa “esculca”, levada da Índia para a Inglaterra. O Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Candido de Figueiredo, bastante utilizado no final do século XIX e início do século XX, no Brasil, define “*esculca*”, como: m. *Sentinela ou guarda avançada, nos exércitos antigos. (Do germ.?)*

O cronista lista uma série de vocábulos mais originais sugeridos pelos leitores do jornal, para a tradução de “Boy Scout”. Entre outros foram citados: viri-

atos, neo-lusos, juventude lusitana, guerreiros de Portugal, companheiros de Viriato, paladino lusitano, spartanos de Portugal, luso-guerreiros, luso-combatentes, luso-vigilantes, sentinelas da Pátria, escoteiros lusitanos, etc.etc.

Também foram citados: juventude briosa, os pioneiros, os legionários e os emancipados.

Segundo Manoel de Souza Pinto, o que teve a maior simpatia dos leitores foi “esculcas batedores”, aparecendo também o nome árabe “adais”.

A coluna termina dizendo:

*“A discussão, contra o que diz o adágio, não trouxe a luz. Ainda a estas horas, que eu saiba, não há em Portugal um termo unanimemente admitido para substituir mais esse estrangeirismo desnecessário, que ameaça entronizar-se”*

A coluna havia sido escrita um pouco antes da fundação da Associação de Escoteiros de Portugal. Ficou então clara a opção pelo termo “escoteiro”, em Portugal.

No Brasil vários jornais passaram a usar o termo escoteiro, como naquele país, especialmente ao referirem-se aos “escoteiros de Portugal”. O jornal “O Estado de São Paulo” em 11 de junho de 1914, portanto antes das tratativas para a fundação da ABE, relatou a visita de “Escoteiros Portuguezes” à Inglaterra (ver Boletim 62 – página 6)

Como mencionado no Boletim 60, referindo-se ao artigo de Mario Cardim e ao de Alcantara Machado, uma das alternativas apreciadas pelos fundadores da ABE foi a de usarem o nome de “bandeirante”, descartada por ser muito regional.

## OS NOVOS BANDEIRANTES

Em 8 de novembro de 1913, portanto dez meses antes das tratativas para a fundação da ABE, aparecia no jornal “Correio Paulistano”, uma longa coluna com o título “Os novos bandeirantes”. A coluna era escrita por Miguel Carneiro Júnior, assinando como M. Carneiro Júnior.



Carneiro Júnior era diretor da Escola

Profissional Feminina do Braz e professor na Academia da Força Pública, junto com o tenente-coronel Pedro Dias de Campos.

Carneiro Júnior utiliza como sub-título “Um programa de educação cívica” para sua coluna, o mesmo utilizado por Baden-Powell para o “Scouting for Boys”, que ele cita na versão francesa denominado de “Éclaireurs – Un Programme D’Éducation Civique”. Na versão inglesa da 7ª Edição: “*Scouting for Boys – A Handbook for Instruction in Good Citizenship*”.

O primeiro parágrafo da coluna é:

*Como muito bem disse o coronel Royet, acusa-se frequentemente, e com razão, a nossa civilização moderna de produzir um enfraquecimento das forças indi-*

*viduais, - de adular as grandes energias morais que constituíam a feição característica das sociedades viris de antigamente.*

Depois de citar várias passagens do “Le Livre de L’Éclaireur”, do capitão Royet, propõe Carneiro Júnior a criação do escotismo em São Paulo.

*E porque não havemos nós de ter também os nossos “eclaireurs”?*

*Pois essa associação de tão nobres fins, que vive e prospera em países europeus, na América do Norte e em países da América do Sul, não poderá ser estabelecida em S. Paulo?*

*Porque não poderemos formar dos jovens paulistas, dignos representantes da raça viril e forte dos antigos bandeirantes?*

*S. Paulo, que teve os seus destemidos exploradores. – esses bandeirantes ousados, que nos*

*legaram uma tradição gloriosa de honra e de energia, não poderá ter hoje os seus jovens exploradores, - os seus Novos Bandeirantes, como lhes poderíamos chamar?*

No artigo, Carneiro Júnior, seguindo a terminologia francesa, detalha o que ele chama de “**programa**” que os novos bandeirantes devem obedecer para conseguir atingir os fins a que se propõe a “sociedade”.

O “programa” proposto por Carneiro Júnior é uma mistura, com acréscimos, das propostas do livro “Éclaireurs”, que é uma adaptação do livro “Scouting for Boys”, numa tradução francesa, e das livro do capitão Royet.

Carneiro propõe uma Promessa que é tradução do Juramento apresentado por Royet e um Código adaptado, com 17 artigos em lugar dos 12, da Associação dos “Les Éclaireurs de France”.

Também, cita Carneiro Júnior que o tenente-coronel Pedro Dias de Campos lhe havia rela-

tado sobre os “*éclaireurs*” franceses que tinha conhecido quando da sua viagem à Europa nesse ano de 1913. Pedro Dias de Campos havia retornado em 16 setembro de 1913, antes de Mario Cardim, que só retorna em 11 de novembro de 1913.

Como se sabe, não houve reação imediata ao desafio de Carneiro Júnior.

## **MARÇO DE 1915**

No início do mês de março de 1915, a ABE é surpreendida pela notícia surgida no jornal “O Paiz” do Rio de Janeiro, no dia 1 de março de 1915, da fundação de uma associação em Minas Gerais denominada de Bandeirantes Mineiros. (ver **ANEXO 2**)

Na nota, é mencionado que “*Os Bandeirantes Mineiros*” são a primeira associação nesse gênero, e a segunda fundada no Brasil, cabendo a prioridade a S. Paulo, com a sua admirável organização dos “*Escoteiros*”, ramificada em

*todo o Estado.*

E segue “O Paiz”:

*É de desejar que outras cidades mineiras resolvam crear sociedades congêneres, ou filiais, prestando elas relevantes serviços, como se tem verificado em todas as nações que prontamente as instituíram, será de desejar que semelhante iniciativa se espalhe o mais profusamente possível.*

Deve ser notada a teoria esboçada pelo jornal, da regionalização do escotismo: a “Associação Brasileira de Escoteiros” (como eles grafavam), é de S.Paulo, enquanto “Bandeirantes Mineiros” é de Minas Gerais, que é incentivada a criar outras sociedades similares.

O que apanhou a ABE de surpresa foi o fato de que o termo “bandeirantes” havia sido considerado e descartado na época da decisão de fundação da associação. Ver o Boletim Histórico nº 60.

## A POLÊMICA

No dia seguinte à publicação no “O Paiz”, 2 de março, é publicada uma nota da ABE, no jornal “O Estado de São Paulo” defendendo a posição da associação, que considerou o uso de “bandeirantes”, mas o descartou por ser demasiado regional. Além de reafirmar o caráter nacional desejado para a organização:

*“De facto, o nome Bandeirantes era o mais próprio para designar cada um dos nossos rapazes que se abriga sob a nossa associação, com o fim de educar a sua energia e preparar-se para ser um bom cidadão, mirando-se nos exemplos dos ousados pioneiros que tanto nobilitaram esta terra.*

*Todavia, como já tivemos ocasião de explicar, pelas mesmas colunas deste mesmo jornal, o caráter e a índole desta instituição se opõe a toda e qualquer ideia regional, sendo uma agremiação que, antes de tudo, tem em vista o*

*nosso país e a nossa nacionalidade.*

*Ela foi organizada com o escopo de agremiar todos os brasileiros, e trabalhar pela grandeza e unidade da nação”.*

No dia 4 de março, “O Paiz”, reproduz a nota da ABE – Associação Brasileira de Escoteiros, novamente grafando Brasileira com “z”, e ao final reconhece a necessidade da unidade de organização em todo o “Brazil”.

*“Que por todo o “paiz” surjam, prosperem e se unam na mesma ação os “Escoteiros Brasileiros”.*

Uma curiosidade sobre o uso de “s” ou “z” é apresentada no **ANEXO 1**.

## **A POLÊMICA CONTINUA**

Em 17 de março, o jornal “O Paiz”, publica

uma correspondência assinada por Olympio Araújo, datada de 5 de março, um dia após a publicação da carta da ABE.

A correspondência é historicamente importante porque esclarece como ele tomou conhecimento do escotismo:

*“Há cerca de um ano, lendo uma ligeira notícia sobre a admirável organização dos “boy-scouts”, tal interesse nos despertou, que nos abalancamos a escrever uma despreziosa apologia de tão útil instituição, que desejamos ver propagar-se por todos os recantos do território pátrio”*

Como “cerca de um ano”, significa início de 1914, não se confirma a ideia de que ele tenha tomado conhecimento do escotismo em 1913, o que descarta a inspiração de Carneiro Júnior, apresentada no início deste Boletim. Também não se refere a nenhum folheto, mas a uma “ligeira notícia”.

Sabe-se que o “Jornal do Commercio”, do Rio

de Janeiro, em 19 de janeiro de 1914, publicava uma notícia com o título “Os boys-scouts”, com o texto básico do que conhecemos ser o folheto enviado a vários jornais por Jeronyma Mesquita.

Olympio relata que havia publicado uma apologia do escotismo no “Jornal do Commercio”, de Juiz de Fora, que não teve nenhuma repercussão.

Ele não cita se já havia decidido pelo uso do termo bandeirante.

Um pouco antes da fundação dos Bandeirantes Mineiros, em 7 de dezembro de 1914, o jornal “O Imparcial” do Rio de Janeiro publica a sugestão do nome Bandeirante, que seria mais apropriado do que “escoteiro”, escolhido pela ABE.

Ainda na carta de 5 de março de 1915, Olympio declara que a intenção era de traduzir de um modo “o mais sugestivo” a denominação de “boy-scouts”, como fizeram os “Éclaireurs de

France”, por isso a escolha de Bandeirantes, “o primeiro e único vocábulo que se nos deparou apto e próprio”.

Prossegue detalhando o que chamou de “vernaculidade, quer por sua significação léxica, quer ainda pelas épicas tradições nacionais que esse glorioso vocábulo nos rememora”.

Ainda, “que as tradições não estão encerradas no estreito âmbito de limitada nesga territorial, porém dilatada e valorosa por toda a vastíssima extensão dos sertões brasileiros, ousada e valorosamente conquistados pelos indômitos bandeirantes, que descobriram, exploraram, desbravaram, e povoaram, integrando-os na comunhão dos bens e riquezas pátrios, a que se acham, deste então incorporados.”

Em suma, Olympio defende que os bandeirantes não são um regionalismo, deixando isso claro, o que rebateria o argumento de Mario Cardim.

Depois de colocar seus argumentos, citando inclusive os dicionários, defende que o uso do

termo bandeirantes seria mais adequado para os “boy-scouts” brasileiros.

Para terminar, Olympio menciona que desconhecia a constituição, apenas um mês antes, da Associação Brasileira de Escoteiros, mas que com ela se irmanava “no comum intento de propagar o “scoutismo” em nossa pátria.

“Escoteiros ou bandeirantes sejam todos os jovens patricios e que uma só ideia os identifique: a consciência do próprio valor, para amar e bem servir o Brasil”.

Em 1º de abril, o jornal “O Paiz”, publica uma nota defendendo o uso de bandeirante. Levanta o jornal que “O caráter da instituição e o fato de ter se originado em S.Paulo, a sua adaptação entre nós fizeram já surgir uma interessantíssima questão.” Discorre que a palavra Escoteiro “tem por si mesma muito restrita significação. Por que não a substituir pela de bandeirante?”

Termina citando um discurso feito poucos dias antes em São Paulo por Pedro Dias de Cam-

pos, tenente-coronel e secretário da diretoria da ABE, usando o tema bandeirantes.

E cita que o coronel termina sua oração exclamando: “Eu vos saúdo, ó bandeirantes do futuro”.

E por que não bandeirantes desde já? diz o jornal.

No dia 3 de abril, o mesmo jornal publica, na íntegra, o discurso de Pedro Dias de Campos, que já havia sido publicado em São Paulo, no dia 29 de março, pelo jornal “O Estado de São Paulo”. No discurso, Pedro Dias de Campos não defende o nome de bandeirantes para substituir o de escoteiro, mas diz, depois de longa argumentação, que os escoteiros de São Paulo são descendentes dos bandeirantes, que já praticavam o escotismo.

No dia 8 de abril, o jornal “O Paiz”, publica carta de Mario Cardim, com seus argumentos. Entre outros cita o uso já consagrado do termo escoteiro em Portugal e afirma que estava en-

viando à Olympio uma cópia do “Manual do Escoteiro”, uma tradução do livro de Baden-Powell “Scouting for Boys”, do Dr. Hermano Neves.

Termina Cardim, afirmando que podemos, para satisfazer os que “são adeptos da denominação bandeirantes, acrescentar essa palavra ao nosso título, como fez a nossa congênere francesa, que colocou entre parêntesis os termos “boy-scouts français”.

“Assim a nossa denominação poderia ser *Associação Brasileira de Escoteiros (bandeirantes)*, ou “*Os Bandeirantes (Associação Brasileira de Escoteiros)*).

## A CONCILIAÇÃO

Olympio, numa carta de 9 de abril, escrita portanto no dia seguinte a publicação no jornal “O Paiz”, que só viria a ser publicada em 22 de abril, diz que o nome “bandeirantes” foi bem recebido pela imprensa mineira, “como

por distintos patricios com destaque nas letras, na política e na alta esfera governamental do Estado e da União”.

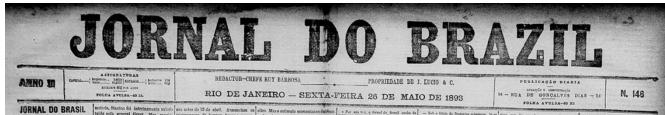
Depois de defender mais uma vez a adequação da denominação de “bandeirantes”, Olympio termina:

“Concluimos, pois, declarando que optamos de bom grado pela bela fórmula proposta pelo Dr. Mario Cardim – “Os Bandeirantes” – (Assoc. Brasileira de Escoteiros), que, a nosso ver, põe fim a interessante controvérsia.”

# ANEXO 1

## USO DO “Z” OU DO “S”

Como curiosidade, deve ser ressaltado que o uso obrigatório do “s” na grafia de Brasil, só foi oficializado em 1931, com o decreto 20.108. Entretanto, muitos periódicos já vinham usando a grafia com “s”, desde o século XIX. No Rio de Janeiro, um dos principais concorrentes do “O Paiz” era o “Jornal do Brasil”, com “s”, desde 1893.



Em 20 de maio de 1893, é publicada uma notícia de que o jornal entrara numa nova fase, e aparece pela primeira vez o nome de Ruy Barbosa como redator-chefe. No dia seguinte, apesar de o jornal continuar com o título de “Jornal do Brazil”, a principal coluna, prova-

velmente escrita por Ruy Barbosa, pelo estilo, já é denominada de “JORNAL DO BRASIL”. Essas colunas aparecem por vários dias até que na edição do dia 27 de maio de 1893, o jornal passa a denominar-se “Jornal do Brasil”.

## ANEXO 2

### EM RIO NOVO, MINAS GERAIS

Na cidade mineira de Rio Novo, foram criados os “Bandeirantes Mineiros”, segundo notícia publicada no jornal “O Pharol” de Juiz de Fora, em 30 de dezembro de 1914. A cidade de Rio Novo é vizinha de Juiz de Fora. Aparece uma reprodução de um comunicado enviado à redação por uma diretoria interina, presidida por Alípio Dias. Deve ser mencionado, que seu pai, Christiano Dias da Costa, foi aclamado tesoureiro. Sylviano de Araújo, secretário interino, era filho de Olympio de Araújo.

# Diversões

## **Bandeirantes mineiros**

Recebemos esta comunicação :

"Temos a honra de comunicar-vos que por iniciativa do sr. major Olympio de Araujo, director do grupo escolar desta cidade, acaba de ser fundada aqui uma associação de "boy-scouts sob a denominação de *Bandeirantes mineiros*, subordinada ao regimen da Confederação do Tiro Brasileiro, a qual já conta 40 socios, tendo sido acclamados para a directoria provisoria—presidente, sr. major Olympio de Araujo; secretario, sr. Lindolpho Guimarães; thesoureiro, sr. Christiano Dias da Costa. Saude e fraternidade.—*Alipio Dias*, presidente interino; *Silvino de Araujo*, secretario interino; *Sezedio Dias*, thesoureiro interino.  
—Rio Novo, 28 de dezembro de 1914"

Jornal "O Pharol", de Juiz de Fora de 30 de dezembro de 1914.

## **Bandeirantes mineiros**

Recebemos esta comunicação:

*“Temos a honra de comunicar-vos que por iniciativa do sr. major Olympio de Araújo, diretor do grupo escolar desta cidade, acaba de ser fundada aqui uma associação de “boy-scouts” sob a denominação de Bandeirantes mineiros, subordinada ao regimen da Confederação do Tiro Brasileiro, a qual já conta 40 sócios, tendo sido aclamados para a diretoria provisória – presidente, sr. major Olympio de Araujo; secretário, sr. Lindolpho Guimarães; tesoureiro, sr. Christiano Dias da Costa. Saúde e Fraternidade. - Alipio Dias, presidente interino, Sylviano de Araujo, secretário interino, Sezelio Dias, tesoureiro interino. – Rio Novo, 28 de dezembro de 1914.*

Quem eram os dirigentes de Rio Novo?

**Olympio Rodrigues de Araújo** (1860 – 1923) era o diretor do Grupo Escolar da cidade de Rio Novo. Escritor, membro da Acade-

mia Mineira de Letras, cadeira 37. Era também industrial e major da guarda nacional. Foi vereador em Rio Novo e deputado estadual. Filho de importante figura local, Francisco de Paula Leopoldino de Araújo, o Chico Boticário, com o qual participou da fundação da Loja Maçônica Culto ao Dever, criada em 22 de maio de 1898. Segundo informações da Fundação Francisco de Paula Leopoldino de Araújo, de Rio Novo, Olympio foi o escolhido para secretário e sugeriu o nome para a Loja.

**Lindolpho Guimarães** – guarda livros e membro da guarda nacional

**Christiano Dias da Costa** – Primeiro presidente do Tiro de Guerra 109, fundado em Rio Novo em 1910. Tenente da guarda nacional, Procurador da Administração Municipal, agricultor e pai de Alípio.

**Alípio Dias** – Escrivão da Coletoria Estadual, dono de engenho de arroz, membro do tiro de guerra e tenente da Guarda Nacional. Em 1920 foi admitido como tenente no Exército

Nacional, na 2ª linha (reserva). Em 1924, estava na ativa, no 10º RI. Participou da Campanha do Paraná, nas forças comandadas pelo general Rondon, contra os revolucionários, falecendo em combate em 24 de novembro. Foi promovido a capitão por bravura.

**Sylviano de Araujo** – filho de Olympio e escritor, como o pai.

**Sezedio Dias** – Em 1913 estudava na 2ª série do Curso Preparatório do Collégio Lucindo Filho, em Juiz de Fora.

No final de 1914, foi fundado em Rio novo o “15 de Novembro – Football Club”. Pertenciam à diretoria Sylviano de Araujo, como orador, Sezedio Dias como conselheiro e Alípio Dias como “referee” (juiz). Alípio foi elogiado pelo jornal “O Pharol”, como “sempre digno de aplausos pela maneira imparcial com que dirige o jogo”.

Os Boletins já publicados encontram-se na página:

<https://pr.escoteiros.org.br/downloads> - Na aba “Nossa História” - Boletins Históricos

Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail

[historia@escoteirospr.org.br](mailto:historia@escoteirospr.org.br).

Pesquisa e Produção: João Alberto Bordignon e Ernani Costa Straube

Revisão: Fernando Gerlach

## **Escoteiros do Brasil - Região do Paraná**

---

Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco

CEP 80410-230 - Curitiba - PR

**(41) 3323-1031**